



## Mediações Tecnológicas no Espaço Urbano<sup>1</sup>

Julietta LEITE<sup>2</sup>

Université Paris Descartes, Sorbonne, França

### RESUMO

A disseminação do uso de tecnologias de informação e de comunicação nos ambientes do cotidiano tem provocado uma reconfiguração dos espaços assim como das formas relacionais, tidos como processos indissociáveis. Este trabalho apresenta uma contribuição à compreensão das atuais formas de construção e partilha da experiência urbana geradas pelo uso das tecnologias digitais a partir da reflexão sobre a noção de mediação tecnológica segundo três aspectos relativos ao espaço: o físico, o social e o imaginário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço urbano; mediações tecnológicas; interações sociais; experiência.

### Introdução

Pensar a cidade nos remete, na atualidade, a questões amplas e complexas. Se, como observou Michel de Certeau, ela pôde ser considerada “simultaneamente como maquinaria e herói da modernidade” (1990, p.144), na pós-modernidade ela é sinônimo de complexidade e de (re) encantamento dos seus componentes como o local, os afetos e a tecnologia. Como nos indicam as reflexões sociológicas de Michel Maffesoli (2007a), as emoções, os lugares, a experiência, o próximo, são tornam-se valores centrais da atualidade e trazem à luz modalidades da experiência da cidade que apontam para uma transformação de *épistémè*: a arquitetura, as redes de informação e de comunicação digitais e as dinâmicas sociais se fundem resultando em novas configurações espaciais.

Dados digitais circulam no espaço do cotidiano, difundidos por objetos e superfícies capazes de receber, sentir, tratar, exibir e armazenar informações diversas, como por exemplo, nos terminais de serviço eletrônico, painéis digitais, equipamentos de informação e comunicação portáteis como GPS, computadores de bolso, celulares,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais, eixo “Culturas, Indivíduos, Sociedades” pela Université Paris Descartes, Sorbonne; Arquiteta urbanista e mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; e pesquisadora do CeaQ – Centre d’Études sur l’Actuel et le Quotidien. E-mail: [julietaleite@gmail.com](mailto:julietaleite@gmail.com).



*smartphones*, tocadores de MP3, e mesmo as redes de conexão sem fio. Os conteúdos difundidos por tais dispositivos, como as indicações do GPS e dos painéis digitais nos espaços públicos, contribuem com a construção de novas formas de percepção do espaço, ampliando-o para além do território presencial. Dessa forma, a comunicação e a informação digital participam das práticas do cotidiano, infiltram-se nos espaços de vida e permitem construir novas formas relacionais indissociáveis das formas de inscrição espacial.

Apesar da nossa formação de arquiteto urbanista, nossa reflexão sobre o fenômeno urbano acima levantado toma como fundamento teórico-metodológico a corrente compreensiva da sociologia, mais especificamente os trabalhos de George Simmel (1989, 2007) e Walter Benjamin (2004, 2003) sobre as transformações urbanas nos finais do século XIX e inícios do Século XX. Além destes dois autores, fizemos referência à contribuição de outro sociólogo, Michel Maffesoli, que nos permitiu tratar questões contemporâneas dentro do contexto sócio-cultural aos quais pertencem.

A interpretação destes autores, em cada época, nos serviu de postura epistemológica para compreensão da mutação que as cidades vivem hoje, do ponto de vista técnico, sócio-espacial e simbólico. Assim como os letreiros, cartazes, os novos recintos urbanos, os meios de transporte, a fotografia e o cinema estavam associados a uma nova sensibilidade e percepção na época da metrópole, as tecnologias digitais vêm fazer parte de uma reconfiguração da experiência contemporânea, parte de uma ampla e complexa abordagem do que é a cultura urbana.

Por traz desses índices de comunicação e composição da paisagem urbana, desfila um novo modo de vida e uma maneira de pensar o mundo, uma concepção de espaço e uma nova atitude face à cidade. As análises desses autores serviram de via ao nosso estudo dos signos da cultura urbana, interpretando a cidade como um lugar de trocas, produção e circulação de valores e mercadorias, um lugar privilegiado da construção de uma nova *socialidade*, de contornos mais ou menos explícitos, fluidos e em constante transformação.

### **A (in)formação digital do urbano**



A difusão do uso das tecnologias digitais nos nossos ambientes quotidianos dá origem a uma concepção de espaço híbrido, terreno de interações entre as dinâmicas sócio-espaciais “reais” e àquelas de suporte digital. Dentro da teoria crítica do urbanismo, essa relação revela um paradoxo, destacado por François Ascher (1995): ao mesmo tempo em que se desenvolvem os processos de interação e de comunicação digitais, aumenta o interesse por aquilo que não “telecomunica”, como as sensações, o corpo, a experiência. Associa-se tal característica um dos paradigmas do Século XX, levantado por André Corboz (2001, p.200), referindo-se a mutação qualitativa do modo de vida urbano, mais associado à “cidade-território” (p.204-207), lugar do descontínuo, da heterogeneidade, do fragmento e da complexidade.

Apesar das novas possibilidades de interação nos espaços da cidade favorecidas pela comunicação e pela informação digital, seus habitantes continuam ligados aos locais de vida e àqueles mais antigos, que melhor oferecem o sentimento de “urbanidade” (ASCHER, 1995, p.7), noção que faz referência à identidade, familiaridade e memória. Alguns autores associam tal sentimento à perda das experiências e símbolos que nos ligam aos outros através do espaço, do “lugar” de referência onde se estabelecem relações de pertinência, de alteridade, de enraizamento antropológico e psicológico. Segundo Françoise Choay:

“O que nos lembra ou significa não é mais tal rito, tal crença, antes partilhados pelos membros de uma comunidade, tal momento de sua genealogia, mais sim o poder que tinha o mundo edificado de reunir esses componentes de identidade social e de fundi-los no prazer estético” (2006, p.140)

Esta constatação se aproxima daquilo que Maffesoli define como o paradigma estético da pós-modernidade (MAFFESOLI, 2000, p.72). No entanto, para esta autora, tal sensação face aos espaços urbanos, traduzida em “angústia”, foi intensificada com a evolução das tecnologias de comunicação, de transporte a da organização da paisagem urbana em forma de redes interconectadas. Se por outro lado, o sentimento de uma “urbanidade perdida” testemunha uma inquietude sobre a forma que adquirem as cidades nos dias de hoje, no nosso ponto de vista, tais mutações não podem ser reduzidas a uma “crise do simbolismo urbano” da qual a evolução das telecomunicações é causa ou consequência. É necessário antes de tudo interpretar tais transformações e seus desdobramentos no interior do comportamento social contemporâneo.



### **Interação social, identidade e territorialidade**

De fato, as lógicas comunitárias e *identitárias* têm se tornado mais complexas, passando a tomar por base os agrupamentos menores, mais específicos, que buscam se distinguir de um todo mais geral. Nestes agrupamentos os indivíduos afirmam identidades múltiplas, tanto culturais quanto territoriais, às vezes mesmo contraditórias, fundadas sobre a singularidade, mas que, uma vez em rede, tornam-se a expressão consumada da criatividade das massas (MAFFESOLI, 2000, p.176). Neste sentido, as redes de comunicação digitais são tomadas como palco da vida social, função que a cidade pôde desempenhar, em outros tempos, sob outras formas.

Considerando o fenômeno de hibridação entre as formas urbanas e digitais, evita-se o caráter dualista nas análises da relação entre espaço urbano e espaço virtual. Mais do que isso, o fenômeno de hibridação permite somar meios de construção de laços sociais que passam tanto por aspectos físico-territoriais como por dispositivos de informação e comunicação. De um modo geral, essa nova condição urbana é índice de uma nova maneira de viver e de perceber os espaços de vida coletivos, suas dimensões físicas e sociais, onde a tecnologia digital torna-se um incontornável mediador da experiência urbana.

As superfícies eletrônicas, informativas, tácteis e interativas presentes nos espaços urbanos, assim como dos aparelhos de comunicação portáteis, contribuem com a emergência de novos comportamentos, posturas corporais, maneiras de “estar junto”. Tais interfaces constituem áreas “hipersensíveis” de mediação entre sujeito e o espaço, seja ele o de proximidade, longínquo, do movimento, dos outros, do virtual. Elas representam igualmente zonas sensíveis do entorno (físico e social) e que aumentam nosso raio de sensibilidade, de visão, de legibilidade da cidade, suas dinâmicas, seus ritmos, sua vida. Impregnando a maneira de apreender a cidade e suas territorialidades, a informação digital participa a *in-formar* (no senso etimológico do termo: formar do interior) a relação que o cidadão entretém com o seu ambiente.

Diante da supressão das tradicionais noções de limite espacial, o “local” não é mais o lugar físico obrigatório de grande parte das relações sociais. Tal “liberdade” não é, entretanto, colocada em prática em sua totalidade. Nossos corpos restam “prisioneiros” dos territórios ocupados, suas modalidades de funcionamento e suas “virtualidades”



continuam amplamente tributárias dos espaços que habitam. Por outro lado, as lógicas de proximidade têm se transformado e, se o “local” perde em importância dentro dos processos de identificação e construção de laços sociais, somos ainda, e acima de tudo, de um “lugar” (MAFFESOLI, 2005, p.134). Um lugar que nos “ultrapassa”, um espaço vivido, que nos une aos outros, onde elementos da tradição como gostos, emoções, hábitos, costumes, ritos e valores, ganham força e a oferecem um novo impulso à integração social.

É nesse contexto que se observa uma multiplicidade de formas de pertencimento, de pequenos grupos, mais ou menos efêmeros, escolhidos segundo afinidades pessoais. A liberdade de participação e a afirmação comunitária fazem, assim, parte de um mesmo movimento. Ao passar de comunidade em comunidade, ‘reais’ e virtuais’, o sujeito cria laços também entre elas, laços não institucionais que favorecem uma cultura comum. Se na atual configuração das formas sócio-espaciais, marcada pela hibridação entre físico e virtual, as identidades se fragilizam, as identificações, por outro lado, se multiplicam (MAFFESOLI, 1997, p.43).

Tais mutações sócio-espaciais ainda em curso têm vários efeitos sobre o espaço da cidade. Elas caracterizam, segundo François Ascher (2004), uma terceira revolução urbana associada às transformações que vão desde uma maior liberdade *vis-à-vis* os limites espaciais e temporais a uma diferenciação sócio-espacial mais complexa, com a formação em rede de novos tipos de laços sociais e a multiplicação das formas de associação e participação comunitárias.

### **Experiência espacial e *socialidade***

Chegamos então à conclusão de que a “crise do simbolismo urbano” ou de “urbanidade” que prevalece dentro da crítica urbanística contemporânea não é de toda consequência da difusão de tecnologias digitais, formação de redes de comunicação e *virtualização* das relações sociais. Ao contrário, os suportes de representação de dados digitais sobre o espaço urbano têm se tornando uma interface quase imperceptível, diluída nas práticas cotidianas, nos ambientes de vida, anexadas às atividades corporais, que respondem a uma mutação conjunta das formas de espacialização, de interação e de representação coletivas. Tais estruturas servem de mediação entre a camada de informação digital e a experiência urbana e passam a ser consideradas não só como zonas sensíveis de



percepção, mas como instrumentos de tomada de decisão, de ação e de interação, construídos a partir de conteúdos múltiplos, acessíveis sob diversos formatos.

Não negamos, por outro lado, que os aparelhos tecnológicos e as redes de comunicação digitais estejam contribuindo para a construção de novas formas de *socialidade*, termo empregado por Maffesoli em referência às formas de interação que são menos institucionais, contratuais, e mais emocionais, pactuais e afetivas. Como uma das expressões possíveis das novas formas de *socialidade*, Federico Casalegno identifica as “cibersocialidades” (2000) como aquelas que se estabelecem, simultaneamente, a partir da interação eletrônica e com espaço físico, fornecendo às práticas e emoções coletivas outras formas de se manifestar.

Seguindo uma perspectiva sociológica compreensiva da atualidade, é possível identificar índicas dessa nova sociabilidade também nas práticas de deslocamento no espaço urbano, a partir de uma forma de experiência que lhe é própria. A informação e a comunicação digital acompanham novas experiências da mobilidade como o nomadismo (MAFFESOLI, 1997), a “circunavegação eletrônica” (HUGON, 2007) e o “cruising” típico das cidades norte-americanas como Las Vegas e Los Angeles (BEGOUT, 2004). O uso difundido do GPS nessas cidades transforma o potencial dos deslocamentos ao ponto de poderem ser consideramos como uma prática de *promenade* pós-moderna, diferentemente do que foi a *flânerie* da modernidade.

Do ponto de vista das práticas de socialização, tais deslocamentos correspondem ainda ao desejo de uma vida partilhada em espaços restritos da *socialidade* urbana, mesmo que este desejo se manifeste de maneira efêmera (e às vezes exaltada), em situações de trânsito, de consumo, nos *shopping centers*, ou em locais de grandes multidões como os estádios de futebol, concertos musicais, comícios e cerimônias religiosas.

Outro exemplo de transformação da experiência urbana transformada passa pelo uso dos mapas digitais interativos na percepção do espaço urbano e partilha de conteúdos. Tomando a base cartográfica digital Google, por exemplo, os usos e aplicações existentes enriquecem não apenas a relação com os espaços e a mobilidade, mas também as dinâmicas sociais, graças à localização de presenças, permanências, traços, lugares de vida.



Num outro sentido, aparelhos de informação e comunicação geolocalizados contribuem a coleta de dados variados sobre o meio-ambiente urbano - como a oferta de transportes públicos, os índices de poluição, a presença congestionamentos - que, reunidos numa base de informações facilmente atualizável e partilhada, permitem de reduzir a “distância cognitiva” entre as diferentes facetas da cidade. Apresentadas sob a forma de cartas manipuláveis e interativas, tais informações podem influenciar as práticas dos espaços de proximidade, criando outras formas de estar junto.

Torna-se assim importante pensar as relações sociais urbanas contemporâneas sob a forma de uma “*socialidade por empatia*”, onde o espaço e a experiência vividos fazem parte dos principais fatores que regem a relação com o outro. Michel Maffesoli (2003) destaca que as atuais formas de ‘estar-junto’ estão fundamentadas, antes de tudo, sobre um sentimento de pertencimento a um lugar, um grupo, onde as formas de identificação institucionais sedem lugar ao espírito comunitário, às interações simbólicas, informais, porém sólidas.

Tal concepção estética do social de Michel Maffesoli destaca no processo de formação de laços, não mais o enquadramento institucional, mas o sentimento de pertencimento suscitado pela partilha emocional, segundo a etimologia do termo estético, pela participação, por uma nova “lógica de identificação” (2007b). O laço social deixa de ser contratual, racional, simplesmente utilitário e funcional, e passa a integrar uma larga carga de não-racional e não-lógico que se exprime nas atuais maneiras de viver o presente e nos menores gestos da vida cotidiana. Apesar do desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação tenha gerado uma nova forma de viver e perceber a cidade, transformada nas suas dimensões material, social e sensível, ela permanece como *décor* da teatralidade da vida cotidiana, onde os laços sócio-espaciais continuam a estruturar nossa relação com o outro, com a coletividade.

A partir da constatação dos usos sociais das tecnologias de informação e de comunicação e o atual contexto sócio-cultural, defendemos a idéia de que elas não modificam as relações sociais pelo fato delas *introduzirem uma mediação* destas, mas sim pelas formas de *mediação* que são *empregadas*. Neste sentido que é possível considerar que os dispositivos tecnológicos instituem uma forma de mediação sensível



que desempenha um duplo papel: da percepção da cidade e da partilhar a experiência urbana.

É possível constatar ainda uma terceira forma de mediação fruto do emprego das tecnologias digitais, com a qual as novas mídias têm um importante papel: a das formas de representação social. O imaginário urbano constitui assim outra dimensão da experiência e percepção espacial, composta pela memória, imagens, histórias e acontecimentos, símbolos e valores que passam a ser registrados, difundidos, partilhados e coordenados em tempo quase real através da rede de informação e comunicação digital. Na nossa perspectiva, esta terceira “camada” da espacialidade urbana não apenas influencia a partilha de conhecimento e de um senso comum sobre a cidade, mas coordena também as diversas estruturações subjetivas e as práticas urbanas coletivas.

### **Por uma abordagem sensível do espaço urbano**

Ao contrário do que foi o pensamento moderno, que desconfiava de tudo aquilo que remetia ao espaço, ao território e outras formas de “localismo”, o território ganha em valor como estrutura relacional na vida social dos dias de hoje (MAFFESOLI, 1997, p.75). Ele conjuga mobilidade, experiência vivida no presente e no cotidiano; o espaço serve de matriz que integra e comunica, concilia os diversos imaginários, memórias, costumes e crenças, assim como as tensões e os conflitos da coletividade que nele vive.

As formas de socialização contemporâneas, ao enfatizar tal valorização do espaço, a intensidade da experiência vivida no “aqui e agora”, dão uma maior importância a sua dimensão estética, às situações vividas no cotidiano, aos lugares e territorialidades característicos da *socialidade* pós-moderna, dentro de uma multiplicidade de afinidades. Tais considerações, aplicadas ao nosso estudo da cidade contemporânea, indicam que a materialidade dos espaços não pode, jamais, ser considerada dissociada da componente social subjetiva que lhe é própria.

Retomando a idéia colocada inicialmente, sobre a “perda de urbanidade” dentro das profundas transformações pelas quais atravessam as cidades nos dias de hoje, para Maffesoli (2007c), ao contrário de uma “crise da simbologia urbana”, o que se observa é uma renegação por parte das análises sobre as cidades da multiplicidade de ordens



simbólicas. Se enquanto arquiteta e urbanista nós nos interessamos sobre tais questões, foi sob as lentes das ciências sociais que procuramos apreender a estéticas dos espaços urbanos, como elemento de coesão entre sujeitos e a coletividade.

Afinal de contas, a questão fundamental é aquela de conciliação das pluralidades e dos particularismos da vida urbana. Uma abordagem sensível do espaço nos permitiu de liberar algumas estruturas importantes para a compreensão do fenômeno atual, fundados na experiência e no cotidiano. Nosso interesse por questões de ordem social neste debate sobre a cidade, parte, primeiramente, pelo fato de terem as tecnologias digitais os “impactos” ou “conseqüências” definidas pelos seus usos sociais. Em segundo lugar, ela nos permite reconhecer além da materialidade do espaço construído a expressividade e subjetividade dos seus habitantes dentro de um só ato de conhecimento, além das abordagens meramente quantitativas e estatísticas. Foi neste sentido que, de maneira mais ampla, procuramos definir a cidade contemporânea, o ou espaço urbano da pós-modernidade, como um campo de experiências relacionais, segundo um modelo cultural que lhe é próprio.

## REFERÊNCIAS

- ASCHER, F. **Métapolis ou l’avenir des villes**. Paris: Odile Jacob, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Les nouveaux principes de l’urbanisme**. Paris : l’Aube, 2004.
- BEGOUT, B. **L’éblouissement des bords de routes**. Paris : Verticales, 2004.
- BENJAMIN, W. **Paris, capitale du XIXe siècle** (Extrait de « Ecrits français »). Paris: Allia, 2003.
- \_\_\_\_\_. **L’œuvre d’art à l’époque de sa reproductibilité technique**. Paris : Allia, 2007.
- CASALEGNO, F. **Les Cybersocialités. Nouvelles formes d’interaction communautaire**, 653 p. Thèse : Sociologie, Université Paris Descartes Sorbonne, 2000.
- DE CERTEAU, M. (1980). **L’Invention du quotidien, 1. Arts de faire**. Paris : Gallimard, 1990.
- CHOAY, F. **Pour une Anthropologie de l’espace**. Paris : Seuil, 2006.
- CORBOZ, A. « L’urbanisme du XX<sup>e</sup> siècle ». In **Le territoire comme palimpseste et autres essais**. Paris : Les éditions de l’imprimeur, coll. Tranches de villes, 2001, p. 200.



HUGON, S. **Circumnavigation. La construction sociale de l'identité en ligne**. Thèse : Sociologie : Université Paris Descartes Sorbonne, 2007, 453p.

MAFFESOLI, M. **Le Réenchantement du Monde**. Paris : La Table Ronde, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Au creux des apparences : pour une éthique de l'esthétique**. Paris : La table ronde, 2007b.

\_\_\_\_\_. « La potencia de los lugares emblemático ». **Convergencia**, n°44, UAEM, México, 2007c, p.41-57.

\_\_\_\_\_. **Éloge de la raison sensible**. Paris: La table ronde, 2005.

\_\_\_\_\_. **Le temps des tribus : le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse**. Paris : La Table Ronde, 2000.

\_\_\_\_\_. **Du nomadisme : vagabondages initiatiques**. Paris : Le livre de poche, 1997.

SIMMEL, G. **Philosophie de la modernité, esthétique et modernité, conflit et modernité, testament philosophique**. Trad. Jean-Louis Vieillard-Baron. Paris : Payot, 1989.

\_\_\_\_\_. **Les grandes villes et la vie de l'esprit**. Trad. Françoise Ferlan. Paris : l'Herne, 2007.